PROJECT MUSE®

Ficcao impura--Prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90
(review)

Tania Pellegrini

Luso-Brazilian Review, Volume 41, Number 1, 2004, pp. 210-212 (Review)

Published by University of Wisconsin Press

DOI: <https://doi.org/10.1353/lbr.2004.0021>

➔ *For additional information about this article*

<https://muse.jhu.edu/article/173648>

Here Causo leaves out, as he also does in Chapter 1, a key element that I believe is important to understanding why these “absences” happened in Brazil in this particular historical period. To contextualize more, it would be crucial to address how Getúlio Vargas’s populist era and politics “created,” transformed, and influenced mass media. In this sense, radio, cinema, and television—and their social shifts in the 30s and 50s and in the 60s and 80s—are crucial to understanding the trajectory of science-speculative fiction in Brazil. Particularly for a population that does not have access to literature and to the written word, mass media industries are venues for reading many of these exchanges. It is from this point of view that the author briefly explains the connections between film, cartoons and television for contemporary science fiction magazines such as *Sci-Fi News Contos*, and *Quark* 8. Although these magazines disappeared around 2002, the author sees future venues for their publication.

Causo’s book is a unique contribution to an understudied subject that has had a strong impact on the Brazilian literary and cultural industry. *Ficção científica* studies these fictions to reevaluate them as literary works. Although it recuperates them as literary texts, it brings forth other contradictions. The author’s desire to summarize these works and to establish their relationship with their North American and European influences minimizes important themes related to the uniqueness of Brazil’s production. All of these junctures, mainly historical, could be well described by *subdesenvolvimento*, copy, or mimetic phenomena due, as the author explains, to Brazilian colonial relations with advanced “technologies” or cultural industries. If the author wants to make us see these works in their social complexity, he must go beyond *subdesenvolvimento* theories and translate his passion for science fiction to other means. It would help to clarify that literature, as representation, is also a technology, parodied, subscribed and enriched by the agency of colonial underdeveloped subjectivities. This problematic in itself will address more effectively all these “encounters” with the Other in Brazilian modernity. Speculative and science-fiction genres should be studied as open texts that, together with other popular genres—including media industries—offer technologies for understanding the complexities of cultural processes, society, politics, and subjectivity.

Jossianna Arroyo
University of Michigan, Ann Arbor

Barbieri, Therezinha. *Ficção impura—Prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90*. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. 121 pp.

Acidamente criticada como banal e empobrecida ou elogiada com veemência como independente e criativa em relação aos padrões estéticos consagrados, a ficção brasileira contemporânea vem se colocando como um fértil campo de estudos críticos para quem nele se aventure. Entrando nesse campo, Therezinha Barbieri, no livro *Ficção impura—Prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90*, tenta dar conta de algumas linhas de força que nele interagem.

Para tanto, ela seleciona alguns textos específicos de autores como Sérgio Sant’Anna, João Gilberto Noll e Rubem Fonseca, consagrados por parte expressiva da crítica acadêmica, juntando-os, por exemplo, a Diogo Mainardi e até ao Fernando Gabeira de *O que é isso, companheiro?* Essa seleção, segundo a autora, justifica-se na proposta do livro: enfocar os textos como “partes de um conjunto que se desenha a partir deles” (15), vendo-os em “permanente intercâmbio” com signos pertencentes a outros “sistemas semióticos,” dentro de uma noção de período histórico dada por Panofsky, que implica considerar “continuidades e rupturas” (14). No recorte temporal estabelecido, Barbieri vê, então, elementos unificadores: a presença do mercado e a interação com a mídia.

Na primeira incursão analítica do livro, intitulada “Letras no mercado,” ela reconhece que livro e leitor hoje, “são mercadologicamente dimensionados” (30); no capítulo seguinte, “Cenas do simulacro” ela percebe “linhas de dispersão e contraste, contradições e discrepâncias múltiplas” (56) que a impedem de “identificar critérios de validade” adequados; em “Contracenando com a história,” na sequência, utiliza um viés temático, arrolando textos díspares, todos chamados de narrativas históricas e, por fim, conclui seu trabalho, reiterando que “mesclas de gêneros literários e de múltiplos registros estilísticos” (11) caracterizam a ficção contemporânea.

À primeira leitura, o livro parece instigante e original, mas aos poucos revela alguns problemas teórico-metodológicos e estruturais que comprometem o conjunto e os resultados. O primeiro diz respeito à falsa historicidade implícita no próprio título: as décadas abordadas desfilam quase indiferenciadas, sem relações de causalidade e sem que se tentem *aprofundar* minimamente os aspectos sócio-histórico-culturais que as enformaram e que se traduzem nos textos literários. Nesse sentido, muito mais do que a censura, a política cultural do período militar, matriz terrivelmente fecunda, de onde se originou o quadro contemporâneo da produção de cultura—sua consolidação como valor de mercado—é apenas tangenciada. Ou seja, embora a autora afirme: “não devo separar [a ficção] do solo de que ela se nutre” (80), é isso que ocorre. O segundo está relacionado a um ecletismo teórico bastante aparente: desde pinceladas de sociologia da literatura, quando trata do mercado, passando por tentativas de interpretação semiótica, no intercâmbio com o cinema, até o impressionismo um tanto senso-comum que reveste a análise das “narrativas históricas.” O terceiro deve-se à indefinição do tipo de discurso: o “jogo ensaístico claro e ágil” citado na contracapa derrapa em citações teóricas de inequívoca filiação acadêmica, embora não haja nenhuma menção ao tipo de trabalho que originou o livro; trata-se de dissertação de mestrado, tese de doutorado, relatório de pesquisa?

Daí o aspecto de *bricolage* de que se reveste o conjunto, como resultado de uma colagem de textos isolados, partes autônomas sem um objetivo unificador, cujo fio condutor é apenas o objeto: um recorte das narrativas do período escolhido para análise. De certa forma, a estrutura do livro espelha a própria estrutura interna de cada parte, construída com análises pontuais de textos díspares e aleatoriamente selecionados, pois também não estão claros os critérios utilizados para tal seleção. Pode-se afirmar que o livro de Barbieri fica a meio caminho do

que se propõe: por pertencer a uma linhagem teórica mais preocupada com a imanência do texto, o que sua bibliografia revela, mas não podendo se furtar a um exame do contexto, dada a importância que as especificidades deste vêm assumindo como elementos constitutivos da produção e do consumo de literatura no Brasil das últimas quatro décadas, ele não consegue equacionar as grandes questões que esse mesmo contexto hoje propõe ao pesquisador e ao crítico. Talvez isso ficasse menos difícil se ela considerasse com mais rigor, sem apenas utilizá-la sem citação, uma bibliografia séria que há tempos vem tratando dos mesmos temas, embora com outro enfoque teórico.

O livro de Barbieri parece ilustrar, não no campo da ficção, mas no daquela realidade dedicada à pesquisa e à crítica, a tendência à pressa que o giro vertiginoso do mercado impõe, perdendo qualquer inadequação, no intuito de não deixar estancar a produção. De qualquer modo, ele tem o inequívoco mérito de acentuar a necessidade de mais estudos críticos sobre o assunto, que a cada dia se revela mais instigante e sedutor.

Tânia Pellegrini

Universidade Federal de São Carlos—SP

Mendoza de Arce, Daniel. *Music in Ibero-America to 1850: A Historical Survey.* Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2001. xviii + 723 pp. Notes. Bibliography. Index.

Just as the United Kingdom and the United States are said to be “two countries divided by a common language,” Hispanic America (usually referred to incorrectly as Latin America) and Brazil form a cultural unity, though the lack of a common language often obscures this fact. Scholars dealing with Hispanic America often lack skills in Portuguese, and vice versa, so that a wall of ignorance prevents scholarship from considering “Ibero-America” (to use Mendoza de Arce’s term) as an organic whole. The Catholic colonies of Spain and Portugal in the Western Hemisphere had a great deal in common in many spheres of society, and this was particularly the case in the area of music, where the Church was for many years the most important patron of music (a strong contrast to the situation in the British colonies in North America, where the puritan tendencies of the Reformation meant that church music was almost non-existent).

The traditions of music study and music history in the United States (and Western Europe) have meant that only a narrowly circumscribed portion of the music created in the Western European tradition has been considered worthy of study—the music of Germany, Italy, and France, and, secondarily, England. This restriction of the canon has meant that music scholars writing in English generally do not have the language skills (fluency in Spanish and Portuguese) necessary to address the music created in Iberia, nor in Iberia’s colonies in the New World. And so Mendoza de Arce’s study fills an important lacuna, in presenting a broad historical survey of the cultivation of music in Latin America from its discovery and settlement by Europeans to the beginnings of the modern age in